

PSICOLOGIA & SOCIEDADE

Psicologia & Sociedade

ISSN: 0102-7182

revistapsisoc@gmail.com

Associação Brasileira de Psicologia
Social
Brasil

Cavalcanti Chaves, Jacqueline

Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso

Psicologia & Sociedade, vol. 28, núm. 2, mayo-agosto, 2016, pp. 320-330

Associação Brasileira de Psicologia Social

Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309346236013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re²alyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PRÁTICAS AFETIVO-SEXUAIS JUVENIS: ENTRE A SUPERFICIALIDADE E O APROFUNDAMENTO AMOROSO

PRACTICAS AFECTIVO-SEXUALES JUVENILES: ENTRE LA SUPERFICIALIDAD Y LA PROFUNDIZACIÓN AMOROSA ***JUVENILE AFFECTIVE-SEXUAL PRACTICES: BETWEEN SUPERFICIALITY AND ROMANTIC DEEPENING***

<http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p320>

Jacqueline Cavalcanti Chaves

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar algumas questões vinculadas às práticas afetivo-sexuais do “ficar”, ficar “ficando” e namorar, assinalando diferenças entre elas. Seu referencial teórico são estudos de diferentes autores das ciências humanas e sociais que abordam essa temática. O campo empírico da pesquisa são entrevistas extensas e semiestruturadas realizadas com doze jovens cariocas de 18 a 25 anos de idade. A partir da análise das entrevistas, pode-se dizer que os jovens diferenciam essas práticas em função do compromisso e envolvimento amoroso com o outro; constroem um jogo cambiante entre sensação/superficialidade e sentimento/profundidade; e, muitas vezes, colocam o outro no lugar de meio de acesso à autossatisfação. As formas como os jovens constroem e vivenciam seus relacionamentos amorosos contribuem para o desenvolvimento de um campo amoroso cada vez mais instável e complexo.

Palavras-chave: amor; práticas afetivo-sexuais; juventude; cultura pós-moderna.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar algunas cuestiones vinculadas a las practicas afectivo-sexuales del “quedar”, quedar “quedando” y “tener una relación” marcando diferencias entre ellas. Toma como referencia estudios de diferentes autores de las ciencias humanas y sociales que abordan esta temática. El campo empírico de investigación son entrevistas extensas y semi-estructuradas realizadas con doce jóvenes de Rio de Janeiro de 18 a 25 años de edad. Del análisis de las entrevistas podemos decir que los jóvenes diferencian esas prácticas en función del compromiso y relación romántica con el otro; desarrollan un juego cambiante entre sensación/superficialidad y sentimiento/profundidad; y, muchas veces, ponen el otro en el lugar de medio de acceso a la autosatisfacción. Las formas como los jóvenes construyen y experimentan sus relaciones amorosas contribuyen al desarrollo de un campo amoroso cada vez más inestable y complejo.

Palabras clave: amor; prácticas afectivo-sexuales; juventud; cultura pos-moderna.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze questions related to the affective-sexual practices of “hooking up,” “seeing each other,” and entering into relationships, noting their differences. The work draws from various theoretical studies addressing this issue by other authors in the humanities and social sciences. The empirical field of research are extensive and semi-structured interviews with twelve youths aged 18 to 25 years old in Rio de Janeiro. The research shows how young people distinguish among these practices in terms of romantic commitment and involvement with others; how they construct a game of variables distinguishing between sensation/superficiality and feeling/profundity; and how they often see others as a means of accessing self-satisfaction. The forms by which young people build and live out their romantic relationships contribute to the development of a romantic field that is increasingly unstable and complex.

Keywords: love; affective-sexual practices; youth; postmodern culture.

Introdução

Para além do amor e das experiências amorosas narradas e cantadas em verso e prosa, nos campos da Psicologia e Psicanálise, tem-se produzido estudos e pesquisas que fazem análises específicas de aspectos inconscientes, individualistas e comportamentais, ou ainda de dinâmicas afetivas intersubjetivas. Também nesses campos e em outras áreas das ciências humanas e sociais, em uma perspectiva não essencialista e não naturalista, diferentes pesquisadores/as têm buscado analisar e compreender temas tais como: a semântica amorosa; as práticas sexuais; as relações de gênero; a estruturação dos relacionamentos amorosos contemporâneos; as formas relacionais existentes, seus princípios, suas características e seus usos; os contextos socioculturais nos quais a sexualidade e os amores são forjados, seus determinantes, paradoxos e ambiguidades. Embora encontremos atualmente trabalhos científicos nessa temática, somente a partir da década de 1970 os estudos sobre o amor foram considerados como objeto de análise científica, tendo sido visto, até então, como um tema por demasiado misterioso e intangível (Dias & Machado, 2011; Neves, 2007).

Ao começar a ter maior aceitação na comunidade científica, a produção de conhecimento nessa área se desenvolveu propiciando a construção de diferentes teorias que se propõem a conceituar teoricamente o amor e a estudar uma série de questões que gravitam em torno e articuladas a ele. Com o presente artigo, pretendemos nos juntar às/aos autoras/es que têm ressaltado os amores, os afetos e os relacionamentos como objeto de estudo válido e necessário de ser explorado e analisado no âmbito das ciências humanas e sociais. Mais especificamente, discutiremos os relacionamentos amorosos juvenis. Partimos do pressuposto de que essa é uma temática relevante aos estudos sobre a adolescência e a juventude.

Dentre outros fatores, a relevância dessa temática pode ser reportada à vinculação social feita entre o início da vida amorosa-sexual e os períodos da adolescência e juventude; às preocupações de adolescentes, jovens e adultos, sobretudo pais e educadores, com as práticas afetivo-sexuais juvenis; às transformações amorosas e sexuais com as quais nos deparamos no cotidiano; aos conflitos e sofrimentos subjetivos e coletivos decorrentes das relações afetivas; e à necessidade mais ampla de se refletir criticamente sobre os vínculos afetivos e os modelos relacionais que predominam e são construídos nos referidos períodos da vida. Ainda, de acordo com Pais (2012), o estudo sobre a vida sexual e afetiva dos jovens é

relevante em três níveis: para os próprios jovens, “pois a forma como vivem a sexualidade e os afectos faz parte do processo de construção das suas identidades e do sentido que atribuem à vida”; para a “compreensão sociológica dos mecanismos de produção dos afectos (e desaffectos) juvenis”, possibilitando a análise dos relacionamentos e das redes sociais que lhes dão suporte; e para as políticas públicas dirigidas aos jovens, “pois, conhecendo-se melhor a realidade em causa, mais fundamentadamente se pode agir sobre ela” (pp. 14-15).

Assim, a partir de uma pesquisa qualitativa realizada com jovens cariocas, o presente artigo analisa os relacionamentos amorosos juvenis, particularmente as questões vinculadas às práticas afetivo-sexuais do “ficar” (conforme definido por Chaves, 2001), ficar “ficando” e namorar. Nesta pesquisa foram realizadas doze entrevistas com jovens (seis moças e seis rapazes) de 18 a 25 anos de idade, moradores das zonas Sul e Oeste (especificamente do bairro Barra da Tijuca) da cidade do Rio de Janeiro, pertencentes às classes médias. As entrevistas foram extensas e semiestruturadas, gravadas e, posteriormente, transcritas textualmente por um profissional especializado. De acordo com Minayo (2012), a entrevista semiestruturada “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (p. 64). As perguntas centrais que nortearam as entrevistas da pesquisa de campo foram: “O que é o amor para você?”; “O que você espera de um relacionamento amoroso?”; “O que é importante ter em uma relação amorosa?”; “Para você, namorar e ‘ficar’ são a mesma coisa?”; “O que você acha de fazer sexo com uma pessoa que se ama, e fazer sexo com alguém que não se gosta tanto ou que pouco se conhece?”; “Você costuma se lembrar das ‘ficadas’ que você já teve?”; “Como você acha que estão os relacionamentos amorosos nos dias de hoje, em nossa sociedade?”. No que se refere à análise das entrevistas feitas, utilizou-se o método da análise de conteúdo, na perspectiva qualitativa, recorrendo à técnica da análise temática, conforme descritas por Bardin (2009) e Minayo (2012).

A começar das práticas afetivas supracitadas, relatadas pelos jovens entrevistados, este artigo tem o objetivo de apresentar e discutir algumas diferenças entre elas no que diz respeito aos sentimentos amorosos que as caracterizam; ao jogo entre sensação/superficialidade e sentimento/profundidade; aos prazeres e desprazeres que elas trazem; aos registros mnemônicos que tais práticas podem propiciar; ao modo como o outro é percebido e tratado nas relações; e às repercussões que elas suscitam no campo amoroso

da atualidade. Este texto não pretende fazer a descrição dessas práticas afetivas em si, mas sim investigar as mudanças e instabilidades dos relacionamentos amorosos juvenis e a pluralidade e complexidade do campo amoroso contemporâneo. Certamente este trabalho não visa a ser conclusivo ou portador de uma verdade absoluta. Pretendemos com ele contribuir para os estudos que vêm sendo realizados sobre os temas dos amores e dos relacionamentos amorosos, particularmente aqueles relacionados ao campo das juventudes.

A semântica do amor

A partir da perspectiva da “Psicologia crítica” (Spink & Spink, 2008), o amor é aqui entendido como uma construção social, isto é, entende-se que a noção de amor deve ser desnaturalizada e historicizada (Chaves, 2010; Dias & Machado, 2011; Neves, 2007). Desse modo, ao se estudar a história do amor ao longo dos séculos, compreende-se que ele não é unívoco, que os sentidos dados a ele e as maneiras como os indivíduos o idealizam, expressam e vivenciam variam de acordo com o contexto social, cultural, religioso, político e econômico vigente. Contexto esse no qual o indivíduo é inserido “por intermédio da sua família, dos meios de comunicação, e do(s) grupo(s) social(ais) ao(s) qual(ais) ele pertence” (Chaves, 2010, p. 30).

Paralelamente à pluralidade do campo amoroso vista através da história, ao analisarmos a semântica do amor, entendemos que a noção contemporânea de amor dos jovens não pode ser definida com clareza e de forma categórica. No entanto, embora não haja uma univocidade, o amor pode ser circunscrito como sendo, antes de tudo, contextual e pragmático, “um sentimento entendido e vivido de acordo com o momento ou período atual da vida de cada um” (Chaves, 2010, p. 34). Isso significa que a maneira como os jovens definem, imaginam e vivenciam o sentimento amoroso muda ao longo da vida de cada um, toma “formas diversas que variam conforme as crenças, necessidades, experiências, práticas e expectativas do indivíduo” (Chaves, 2010, p. 34). Não se trata, meramente, de uma transição linear entre fases predeterminadas, ou seja, de uma sequência lógica que varia de acordo com a idade do jovem. Por exemplo: muda de uma fase mais adolescente (leia-se: dita “imatura”) de experimentação afetiva-sexual para uma fase juvenil-adulta (teoricamente: dita mais “madura”) de compromisso e estabilidade emocional. Para além desse aspecto, na história recente do amor ocidental, ocorreu uma desestabilização ou quebra neste sequenciamento; desenvolveu-se a clara possibilidade

de haver uma inversão entre essas práticas, de cada indivíduo regulamentar, construir, dar sentido e valor a sua própria experiência amorosa.

Diferentemente desse quadro atual, até o início da segunda metade do século XX, a fim de sustentar uma determinada ordem social, de modo claro e rígido, as práticas afetivo-sexuais eram vigiadas e reguladas culturalmente, socialmente e politicamente. Havia um poder organizador do coletivo sobre o individual que impunha um ordenamento e uma hierarquização das práticas amorosas (Chaves, 2006). Ainda que contestações e transgressões ocorressem, as práticas amorosas eram encaixadas e impostas a todos os indivíduos, em uma sequência crescente de compromisso amoroso e sexual, investimento relacional e estabilidade, que deveria ter como finalidade última o casamento – eterno, monogâmico e heterossexual. Assim, por exemplo, o namoro não tinha uma finalidade em si. Ele deveria existir e ser vivido como uma etapa para o casamento. Na atualidade é difícil pensar em um modelo amoroso dominante/legitimado no sentido de haver uma forma relacional, a qual é imposta a todos como a melhor, a correta e a que deve ser seguida por todos. Parece não existirem mais regras e normas claras e rígidas que orientem ou restrinjam as práticas amorosas. Mais facilmente, o que vemos é a pluralidade do campo amoroso e a sua exploração serem estimuladas, além de – ao menos a princípio – não serem limitadas.

De acordo com Vaitsman (1994) e Chaves (2006, 2010), em decorrência de uma série de mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas, houve um afrouxamento das regras e normas que regulavam a vida afetivo-sexual de homens e, principalmente, de mulheres. Isso acabou por provocar a desestabilização e o desencadeamento das práticas amorosas e sexuais, as quais ganharam valor em si mesmas, e deixaram de ser, necessariamente, percebidas e vividas como etapas para um fim último e maior, o casamento. Conforme sustentam Heilborn, Aquino, Bozon, e Knauth (2006), hoje “os diferentes eventos e situações pelos quais os jovens passam – namoro, casamento, gravidez – nem sempre se desenvolvem de forma linear, em etapas sucessivas e bem demarcadas, como muitas vezes é preconizado como ideal” (p. 402).

Entendemos que a flexibilização daquelas regras favoreceu o desenvolvimento de uma autorregulamentação das práticas afetivo-sexuais, o que coloca cada um dos indivíduos como o legislador e o regulador dos seus relacionamentos, e contribui para que as práticas amorosas possam ser entendidas como relações soltas, desencaixadas, com finalidades em si mesmas. Na relação com o outro, quando, por exemplo,

um dos objetivos comuns ao casal é a proximidade amorosa e sexual, os indivíduos deverão negociar constantemente o encontro entre eles, a estrutura e a continuidade da relação (Chaves, 2008). A necessidade de negociação permanente é assinalada por Moraes Alves (2009) em sua pesquisa sobre a fidelidade nos relacionamentos afetivo-sexuais, a qual foi feita a partir dos discursos de duas gerações de mulheres. De acordo com Moraes Alves (2009), para a geração de mulheres nascidas entre 1958 e 1970, com idades entre 37 e 49 anos, “o sentido da traição, tanto feminina como masculina, é negociado pelo próprio casal, o julgamento da infidelidade é visto como pertencente à esfera privada do par e somente o par pode estipular, caso a caso, o que ‘estraga a relação’” (pp. 27-28).

Negociar com o outro, em ambientes e relações socioafetivas diversas, não é algo exclusivo à pós-modernidade. No entanto, a necessidade de negociação permanente parece fazer-se mais premente em uma sociedade que aponta para “a perpétua inconstância das regras e a fragilidade dos laços”, que estaria saturada por uma “incerteza endêmica” (Bauman, 2004, p. 114). A necessidade de negociação é mostrada também por Heilborn et al. (2006) quando, por exemplo, os autores discutem acerca da conversa entre os jovens sobre o uso ou não de preservativo nas suas relações sexuais. E, ainda, por Ons (2012) em sua análise sobre a “filosofia *swinger*”. Para a autora, os *swingers* fazem parte das denominadas “comunidades de goce”, constituem um “comunismo sexual” (nome com o qual os *swingers* batizam sua prática) que para ser sustentado “se necesita un diálogo constante porque la práctica puede detonar ciertos celos y reproches inevitables” (Ons, 2012, pp. 24-25). Assim, a conversa e a negociação são necessárias para definir o que “pode” e o que “não pode” – e quando – no relacionamento do momento, e também para tentar-se mitigar os conflitos, os desencontros e seus desprazeres, as insatisfações e as incertezas com o futuro da relação.

O jogo entre sensação/superficialidade e sentimento/profundidade

A flexibilização das regras e normas afetivo-sexuais e a consequente desestabilização e desencadeamento das práticas amorosas e sexuais trouxeram, por um lado, alto grau de liberdade para o indivíduo. Por outro, contribuíram para o desenvolvimento de um ambiente social e afetivo instável, ambíguo e incerto. Retomando a ideia de Freud (1930/1980) de que “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (Bauman, 1998, p. 137),

Bauman afirma que esse foi o caminho tomado pelo homem na modernidade, e que na pós-modernidade ocorre de modo diverso. Na atualidade, segundo Bauman (1998), a liberdade individual é tomada como referência principal, valor maior. Para o autor, o indivíduo quer uma liberdade livre de riscos, o desfrute de sua liberdade de escolha e um “final feliz” garantido, resultados assegurados (Bauman, 1998, p. 239). Quer obter prazer, “sempre mais prazer e sempre mais aprazível prazer”, sem colocar em risco o seu desejo de segurança (Bauman, 1998, p. 9). A partir do trabalho desse autor, podemos dizer que o indivíduo na pós-modernidade quer, a um só tempo, liberdade individual e segurança. Ainda seguindo o pensamento do autor, entendemos que a exacerbação da liberdade individual é um dos componentes que contribui para o esgarçamento dos laços sociais e a premência da necessidade de negociação. Para Bauman (2004), a atualidade é caracterizada pela fragilidade dos vínculos humanos, a qual inspira o sentimento de insegurança que, por sua vez, suscita desejos conflitantes de “apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (p. 8).

A existência de desejos conflitantes, de tendências contraditórias no ambiente social é discutida por Lipovetsky (1992/2005) em seu livro sobre a “sociedade pós-moralista”. Segundo o seu pensamento, a sociedade pós-moralista está articulada às políticas neoliberais, e também “à decadência das instâncias tradicionais de equilíbrio social (Igreja, sindicato, família, escola), assim como a uma cultura que celebra o puro presente, estimulando o ego, a vida livre, a satisfação dos anseios imediatos” (Lipovetsky, 1992/2005, p. xxxii). De acordo com esse autor, foi introduzido na sociedade atual um *hedonismo dual*. De um lado, há o hedonismo do *tempo presente* que caminha em direção aos prazeres imediatos: “investimento maciço na indústria da pornografia, drogas, perversões sexuais, compulsão por objetos ou programas da mídia, explosão do crédito e endividamento doméstico” (Lipovetsky, p. 34). De outro, o hedonismo associado à “gestão ‘racional’ do tempo e do corpo, do ‘profissionalismo’ em todos os campos, da busca incessante do acabamento e da perfeição, da saúde e da higiene” (Lipovetsky, p. 34). Essa dualidade hedonista, os desejos conflitantes de aprofundamento dos laços e, ao mesmo tempo, de afrouxamento deles, a ambiguidade e a incerteza da atualidade se fazem presentes também nos relacionamentos amorosos. O que não poderia ser diferente, sendo os relacionamentos amorosos construídos e vividos nesta cultura.

Neste ambiente social que se apresenta plural e cambiante, práticas amorosas diversas são forjadas e

equacionadas pelos jovens em um jogo criado entre sensação/superficialidade e sentimento/profundidade e executado com um ou mais de um parceiro. Nesse jogo não há regras claras, nítidas, rígidas e universais; ainda, mais do que isso, nem sempre aqueles que jogam compartilham das mesmas regras ou conhecem os princípios vigentes para o outro com quem joga. Não existe um discurso que pretenda unificar as várias leis, uma instância, instituição ou política dominante que ordene todos os jogos/jogadores em ação. As etapas dele não são, necessariamente, organizadas espacialmente e temporalmente. Elas podem estar desvinculadas (desencaixadas) umas das outras, podem ocorrer a qualquer tempo, em qualquer lugar, com qualquer duração. Esse é um jogo que não tem, obrigatoriamente, um grande objetivo, uma finalidade última a ser alcançada e a qual faz com que tudo se movimente. Os atores desse jogo, além de serem os participantes que o põem em marcha, são também os juízes, os seus reguladores. Essas afirmações não implicam dizer que, certamente, estamos diante de um jogo – campo amoroso – no qual tudo pode, tudo é permitido, mas sim que qualquer aspecto que diga respeito a ele é contextual, flexível, poroso e cambiante. Isso significa que, sob determinadas condições, qualquer coisa é possível.

Essa aproximação entre sensação e superficialidade e entre sentimento e profundidade é possível de ser feita a partir da análise das práticas amorosas descritas pelos jovens entrevistados. São duas extremidades no meio das quais os jovens transitam forjando composições múltiplas e sincréticas. A noção de sincretismo aqui aparece verticalmente e horizontalmente, em um tempo ora sincrônico, ora diacrônico. Isto é, algumas vezes os jovens experimentam práticas afetivo-sexuais diferentes ao mesmo tempo, por exemplo, namorar e “ficar”, outras vezes, sequencialmente, alternando fases tais como a de “namoro sério” e a de “curtir”. O que determina a superficialidade e a profundidade dessas relações é o grau de envolvimento amoroso, de compromisso com o outro, de conhecimento, cumplicidade, confiança e respeito mútuo. Assim, as práticas mais superficiais são epidérmicas, voltadas para a obtenção e coleção de sensações, para a busca de prazer, características do “acumulador e colecionador de sensações” (Bauman, 1998, p. 184). As práticas mais profundas implicam um nível de entrega ao outro maior, uma entrega que está para além da corporeidade e que se baseia no sentimento amoroso, na satisfação do sentimento. As práticas assim caracterizadas expressam o sentido diverso dado por Costa (1998) para “satisfação das sensações” e “satisfação sentimental”. Ao contrário

desta última, a satisfação das sensações é regulada principalmente por dor, prazer e desprazer.

De acordo com Costa (1998), na atualidade, paulatinamente, o indivíduo aprende a querer dos “sentimentos” o que se espera das “sensações”. Busca afastar os sentimentos que provocam sofrimento, assim como tenta evitar toda sensação que resulta em dor ou desprazer (Costa, 1998, pp. 214-215) – a não ser que o seu prazer seja masoquista. Para o autor, a sensação pode ser entendida como uma resposta mental ao estímulo corporal, enquanto o sentimento é um hábito afetivo provocado “pela prática da introspecção, da intimidade, da narração autobiográfica, dos relatos minuciosos da vida emocional etc.” (Costa, 1998, p. 210). Enquanto a sensação tem duração mais curta, o sentimento remete a certa duração temporal, parece “ter outra forma de construção e apreensão por parte do eu, que implica uma certa permanência temporal” (Lejarraga, 2002, p. 73). Desse modo, podemos dizer que a lembrança que se tem das práticas afetivo-sexuais mais superficiais parece ser mais fugidia, uma memória sensorial que mais facilmente tende a se perder com rapidez, quando não instantaneamente. Quanto às vivências amorosas que trazem a marca da profundidade, essas costumam fazer história, deixar traços duradouros e afetivamente significativos, ser dignas de memória para o indivíduo.

A distinção entre sensação e sentimento é um aspecto da psicologia humana que ocupa lugar de destaque na pós-modernidade e que é radicalizada em algumas práticas afetivo-sexuais forjadas pelos jovens, como o beijar bocas em série ou “ficar com” várias pessoas em uma mesma noite ou programa. Nos discursos dos jovens, esta distinção bem como sua articulação com, respectivamente, superfície e profundidade é tecida quando eles narram suas vidas amorosa e sexual ou a de amigos. Como diz esse jovem:

Se as pessoas olhassem nos olhos. Dessem beijo na boca das outras, mas soubessem o nome delas também. Soubessem... Sei lá. O que elas querem do mundo, sabe? Qual é a importância delas aqui. Por que elas estão aqui, sabe? Acho que só teria a acrescentar, né? Se as pessoas se relacionassem... Assim, profundamente. (Bruno, 22 anos)

A noção de profundidade e a sua ligação com o sentimento amoroso, o cuidado com o outro, são mais explícitas. É formada quando eles definem o amor como um sentimento profundo, mais forte; quando diferenciam o namorar do “ficar” através do grau de envolvimento com o outro, da intimidade que se tem em uma e em outra prática. De acordo com as entrevistas, aprofundar-se em um relacionamento é “querer saber do outro”, “conhecer o outro”, ou seja, o

que e como ele pensa, sente e vive; quais são os “seus planos para a vida”, os “seus problemas” e as “suas dificuldades”, e como as resolve; o que lhe dá alegria e aquilo que o faz sofrer. Em suma, é olhar para o outro em sua totalidade. É desejar uma satisfação que não se esgota no ato, na ação, no corpo; uma satisfação que implica alguma temperança. A partir da análise dos discursos dos jovens, podemos dizer que a ideia de aprofundamento significa compreender e aceitar que a construção de um relacionamento demanda um tempo diacrônico, necessário para o conhecimento e o reconhecimento do outro e de si. Conforme afirma Enriquez (2003), a construção amorosa exige tempo, reciprocidade dos investimentos, compreensão de que o outro será tanto fonte de prazer e felicidade quanto, também, de sofrimento. Entretanto, para esse autor, “nunca se amou tão superficialmente e em tão pouco tempo” (Enriquez, 2003, p. 14).

Embora os jovens entrevistados se refiram à noção de profundidade articulando-a ao envolvimento amoroso com o outro, é preciso perceber que ela também remete ao próprio indivíduo, à sua interioridade. A partir da análise das entrevistas e da revisão bibliográfica levada a cabo, entendemos que nem todos estão dispostos ou se sentem capazes de empreender um esforço em algo que vá para além das aparências, da sensação, da efervescência, da pura fruição. Para esses jovens, prevalece a busca por experiências mais superficiais, as quais têm uma intensidade que pode ser definida como sendo pontual, efêmera e hedonista. Esse é o sentido produzido pelos entrevistados nos discursos relacionados à ideia de sensação. Nas falas dos jovens, a sensação se expressa nas ações voltadas para a busca de prazer, relacionadas ao corpo, àquilo que é “sexual”, “carnal”, “material”, “físico”. “Fazer sexo”, “ficar” por “ficar”, “curtir”, “pegar” são atos cujo objetivo é a fruição, é algo “momentâneo”, “superficial”, “aleatório”, que não visa a ir além do gozo daquele instante. Essa ideia surge, por exemplo, na fala de uma jovem, quando perguntada sobre a diferença entre transar (fazer sexo) com alguém que se ama e transar com alguém que pouco se conhece ou de quem não gosta tanto:

Porque [na relação casual] você não tem amor, não tem carinho, não tem nada. Você está ali porque te atraiu, entendeu? Você quer “ficar”, você quer beijar na boca, você quer fazer não sei o quê. No momento você está com o cara, você está se sentindo bem, você está se sentindo gostada, desejada e etc. e tal. E na verdade não tem o sentimento, é tudo muito superficial. (Cláudia, 20 anos)

O interesse nas sensações é explicitado também por outro jovem quando ele fala sobre o

momento que está vivendo, o de solteiro, sobre suas práticas afetivo-sexuais:

Depende muito do que você se propõe pra noite. Às vezes você sai pra noite, por exemplo, uma noite de festa grande, festa de maior pegação e tal... Ninguém se propõe pra ir pra uma festa dessa pra conhecer um namorado, com o intuito de conhecer uma pessoa e ter um relacionamento sério. É pra “ficar” mesmo, e você “fica com” dez, doze... Dependendo, pô! Do cara, da mulher... com vinte. (Augusto, 20 anos)

No campo das experiências sensacionais, tal qual a expressa no discurso desse jovem, a intensidade dos estímulos precisa ser cada vez maior, mais forte e frequente, para que algum efeito sobre o indivíduo seja produzido. Conforme assinala Ons (2012), nas mensagens publicitárias, nas ofertas de consumo, no *marketing* dos nossos dias é possível:

observar de qué manera todo está orientado no tanto a vivir mejor, sino a hacerlo más intensamente. Resulta interesante observar cómo hoy en día nos asechan las exigencias de felicidad, las imposiciones de dicha, el deber de ser felices... todo el tiempo. (p. 87)

As ideias de busca e valorização da intensificação dos estímulos e das experiências prazerosas e divertidas, da obrigatoriedade da felicidade, da euforia e da leveza permanentes são apontadas também por Soares (2007) em sua análise sobre as pedagogias amorosas/sexuais produzidas pela cultura de mídia. De acordo com a autora, o prazer deve estar integrado a todos os aspectos da vida, e neles os/as jovens procuram ser intensamente divertidos/as, bem-humorados/as, românticos/as, sinceros/as (Soares, 2007, p. 317).

Busca incessante e cada vez mais intensa e diversa. Nesse contexto se constroem muitas das expectativas que incidem sobre os relacionamentos amorosos, fazendo com que as intensidades menores das experiências afetivo-sexuais sejam percebidas como inaceitáveis, pequenas (no sentido valorativo da palavra) e/ou “defeituosas”. Pensamos que nesse ambiente há um risco de a intensidade dos estímulos ter de ser continuamente mais e mais intensa, fazendo com que o indivíduo vá se habituando a ela enquanto a sua sensibilidade vai se tornando gradualmente menor. Isso significa que o limite a partir do qual o indivíduo começa a sentir o estímulo (limiar absoluto) ou alguma variação dele (limiar diferencial) se torna mais elevado, o que provoca a necessidade de estímulos mais fortes e diversos para serem sentidos e expressa o quanto o ser se torna menos sensível àquilo que chega a ele.

Conforme afirma Ons (2012), “entonces – y encarnado el asunto mucho más allá del Viagra, – el consumo cada vez más importante de las sustancias

adictivas iría de la mano con una insensibilidad creciente” (p. 50). Busca e consumo, por jovens, de substâncias adictivas, de práticas afetivo-sexuais, de experiências as mais diversas possíveis. No que se refere ao campo amoroso, na procura por experiências sensacionais, na superficialidade da satisfação da sensação o outro importa menos, quando importa. Assim, por princípio, não se deve considerar um problema quando um jovem “fica com” alguém e nem sequer sabe o nome desse. A questão recai sobre o modo como cada um dará sentido e direção às suas vivências, em qual lugar colocará o outro e como negociará com ele, e com si próprio, com o que há de ambivalente, ambíguo e contraditório na relação, no outro e em si.

“Ficar”, ficar “ficando” e namorar

As práticas amorosas das quais os entrevistados falam se concentram no “ficar”, ficar “ficando” e namorar. São práticas definidas por eles como bastante diferentes, sabidamente distintas, com regras diversas, e negociáveis. No entanto, embora as práticas sejam distintas, nas vivências amorosas, os próprios jovens nem sempre conseguem se localizar, ou seja, afirmar e ter certeza sobre em qual delas se incluir. Essa incerteza é vista, por exemplo, no discurso desse jovem de 19 anos de idade, quando ele fala da pessoa com a qual se relaciona na época da realização da entrevista: “*Assim, tô ficando com ela há um mês e pouco. Um mês... duas, três semanas. Sei lá. Então eu acho que eu tô namorando. Tem que ver da parte dela... Acho que ela também acha que tá namorando [risos]*” (grifo nosso).

O nome que é atribuído à relação afetivo-sexual que se tem nem sempre importa aos jovens. Entretanto, o que eles esperam das diferentes formas relacionais, nomeadas diversamente, é característico a cada uma delas. Há casos em que as ideias, dúvidas e expectativas sobre o relacionamento amoroso são expostas, conversadas pelo casal, mas em muitos outros não o são, e a realidade vivida por ele é que deverá mostrar qual o modelo relacional experienciado pelos parceiros. Este não-saber não necessariamente é entendido pelo jovem como um problema ou uma dificuldade, algo que precisa ser modificado. Todavia, há que se pensar que o não-saber pode se transformar em fonte de sofrimento e de insegurança, posto que o indivíduo não consegue se orientar (saber as regras) na relação com o outro.

“Ficar”, ficar “ficando” e namorar são práticas amorosas que podem ou não estar vinculadas, ou seja, encadearem-se em uma sequência linear. Quando há um encadeamento entre essas práticas, os jovens

percorrem em ordem crescente aquilo que, então, pode ser considerado como diferentes etapas de um relacionamento amoroso. Assim, primeiro eles “ficam”, depois vão “ficando” (ficar “ficando”) e, por fim, namoram. Porém, não necessariamente é desse modo que os entrevistados olham para essas práticas. Mais facilmente elas são entendidas como desvinculadas (desencaixadas), cada uma delas tendo um fim e um valor em si mesma. Certamente há diferenças entre os sentidos dados por moças e rapazes. Mais frequentemente, estes últimos costumam não ter dificuldades, temores ou dúvidas quanto à separação e ao não encadeamento das práticas. Por exemplo, mais facilmente eles usufruem os prazeres imediatos e efêmeros do “ficar” sem esperarem que ele venha a ter algum prolongamento ou desdobramento. Essa diferença pode ser vista no discurso desta jovem: “*quando eu ‘fico com’ alguém, eu ‘fico’ pra ficar, sabe? Pra tá junto. Pra talvez dali sair um relacionamento*” (Cláudia, 20 anos); e deste jovem: “*Eu gosto mesmo de sair pra noite, de ‘ficar’. Gosto de, como a gente fala, ‘pegar’ mulher’... com os amigos, se divertir*” (Augusto, 20 anos). Entretanto, se por um lado, comparativamente aos meninos, as meninas desejam mais vir a ter uma relação estável tal qual o namoro, por outro, isso não significa que outras moças não busquem, assim como muitos rapazes, a pura fruição de uma “ficada”, a satisfação das sensações corpóreas. Assim, a mesma jovem diz: “*Mas tem muita menina que é mais dada, mais aberta às opções*”.

Conforme analisa Chaves (2006), quando olhamos para as expectativas e práticas amorosas da modernidade, mais proximamente para aquelas da primeira metade do século passado, vemos o quão diversas são as da atualidade, naquilo que diz respeito ao encadeamento, à finalidade, à regulamentação e à estabilidade. Na cultura pós-moderna, o que determina a continuidade de uma relação/experiência afetivo-sexual, a sua transformação em algo diverso daquilo que se tem, o seu aprofundamento amoroso é o desejo do indivíduo, são as necessidades, crenças e expectativas que ele tem em uma dada situação, em um contexto de vida específico. Desse modo, não é cogitado o desdobramento de uma prática afetivo-sexual se o que se deseja é a pura fruição. Não faz sentido prolongar um relacionamento se não se está bem e feliz nele. Não há razão para continuar próximo/a a um/a determinado/a parceiro/a se os interesses e as prioridades dele/a não são mais condizentes com os seus próprios. Essa descrição se aproxima daquilo que Giddens (1993) chama de “relacionamento puro”, isto é, uma relação “que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem” (p. 69).

A continuidade dos relacionamentos afetivo-sexuais costuma ser pensada em decorrência dos resultados que eles oferecem, os quais são avaliados e reavaliados – mesmo que de forma superficial – constantemente. Quando se trata do “ficar”, mais facilmente e frequentemente o que acontece é a ação se esgotar no ato, o “ficar” se restringir ao “ficar”, o indivíduo priorizar a sensação, o prazer da situação, sem se importar com a sua continuidade. Isso é expresso na fala desse jovem entrevistado: *“Às vezes você liga. Até ligo de vez em quando e tal. Mais umas duas ou três vezes no telefone. Acaba morrendo. Mesmo por... Sei lá. Acabando aí, né?”* (Augusto, 20 anos).

Para aqueles que não gostam de “ficar” por “ficar” (a ação se esgotar no ato), e quase todas as moças entrevistadas disseram não gostar desse uso feito do “ficar”, as opções são o retraimento, a abstinência de trocas afetivo-sexuais, e a tentativa de fazer do “ficar” algo bom, prazeroso, sem ser agressivo. Para as moças, esta última opção significa “ficar” e não se sentir “usada”, “um lixo”, “mais uma”. Na fala de uma jovem: *“Tipo você é qualquer uma assim sabe? Ele podia ter beijado qualquer outra pessoa. Tipo ele não, ele não tá tendo a noção de que ele tá com você [ênfase da jovem]”* (Bianca, 19 anos). Segundo os relatos das jovens entrevistadas, o que normalmente faz com que elas não se sintam “usadas” na prática do “ficar” é a atitude do outro com quem se “fica”, é o fato de ele, por exemplo, tratá-las com respeito, carinho, e não com indiferença. Algumas vezes, o simples fato de perguntar o nome delas, de se interessar *minimamente* em saber quem elas são, de conversar, ou seja, de *minimamente* identificá-las, faz com que elas se sintam um indivíduo singular, e não um objeto descartável.

Se por um lado a maior parte das jovens entrevistadas disse não gostar do “ficar” por “ficar”, e muitas delas narraram histórias atravessadas pelo desrespeito do parceiro amoroso, por outro, várias expuseram histórias diversas nas quais meninas agem de modo bem próximo ao dos meninos – por exemplo, “ficando com” vários na mesma noite. Na prática afetivo-sexual, ao agirem de maneira semelhante à dos rapazes, as moças colocam em cena e fortalecem algumas das transformações ocorridas no campo amoroso nas últimas décadas, principalmente para as mulheres. Por exemplo, o ganho delas de maior liberdade afetivo-sexual e, com ela, uma posição mais ativa na conquista amorosa.

Ao mesmo tempo em que a semelhança de algumas práticas afetivo-sexuais de meninas e meninos expressa o deslocamento e as mudanças de normas e regras características do modo como homens e mulheres vivem sua sexualidade e seus amores,

ela também nos leva a pensar sobre as repercussões mais amplas que tais mudanças provocam no campo amoroso. Transformações essas que favorecem a construção de relações amorosas “mais temporárias, provisórias, contingentes” (Soares, 2007, p. 331). E, ainda, conforme afirma Chaves (2008), relações que podem propiciar mais facilmente “a falta de compromisso com o outro, a dificuldade de se confiar nele e de ter segurança na relação, e o desrespeito” (p. 634). As transformações afetivo-sexuais em curso na pós-modernidade trazem mais liberdade individual e o oferecimento de uma miríade de possibilidades de experiências prazerosas e sensacionais, e, paralelamente, mais instabilidade e insegurança para cada um dos indivíduos e para os parceiros amorosos e sexuais.

De acordo com alguns jovens entrevistados, sobretudo moças, o compromisso com o outro, o envolvimento afetivo-amoroso provoca medo no indivíduo. Como diz esta jovem: *“As pessoas têm medo de se entregar uma pra outra ... as pessoas têm muito medo de se magoar. Ai ultimamente tem tão ... As pessoas se magoam tanto...”* (Cláudia, 20 anos). Segundo outra jovem entrevistada, hoje está na moda não se envolver, há um número grande de *“pessoas traumatizadas assim! Homens travados e mulheres com trauminhas”* (Bianca, 19 anos). Para ela, e também para outros entrevistados, isso significa ter passado por, ou ter escutado de amigos/as, experiências ruins de desprazer e tristeza, tais como ter sido traído, abandonado e desrespeitado de diversas formas. Desse modo, para eles/as, manter relações mais superficiais, não se envolver profundamente é uma maneira de evitar o sofrimento, além de ser uma estratégia para não ter de se confrontar com tudo aquilo que diz respeito ao comprometimento com o outro – o esforço de lidar com as diferenças, compreender, negociar, e importar-se com o bem-estar e a satisfação do outro.

Alguns jovens entrevistados contaram histórias vividas por eles mesmos ou por amigos/as de relações que terminaram antes de “dar em alguma coisa” mais séria, no sentido de vir a ter um compromisso/comprometimento maior com o outro. Por exemplo, uma jovem contou que namorava um rapaz há oito meses e o namoro *“estava dando tão certo que nós iríamos... Mais longe...”* [pausa]. *Do que ele gostaria. Ele preferiu terminar o namoro pra curtir a juventude dele, enfim, sair com outras pessoas”* (Débora, 20 anos). O não aprofundamento de um relacionamento amoroso ou o seu abrupto e, a princípio, injustificado término é explicado por vários jovens pelo, já dito, “medo de se magoar”, pelo medo de não saber lidar com o envolvimento *“e com os seus respectivos*

problemas” (Bianca, 19 anos). “Problemas” esses que podemos entender como decorrentes do “perigo inerente a qualquer encontro”, sobretudo um encontro entre duas pessoas que, quando se amam, são capazes de “fazer-se sofrer mutuamente, cada um deles podendo apontar a falha do outro e aumentá-la, mesmo só querendo seu bem” (Enriquez, 2003, pp. 19-20). Segundo Enriquez (2003), “o conflito (a discórdia) é a outra face do amor” (p. 20), com a qual muitos/as dos/as jovens entrevistados/as parecem não querer, não poder ou não saber como lidar.

Além das dificuldades impostas aos indivíduos pela ambivalência de sentimento e o encontro com um outro diferente de si, há também um aspecto que torna os relacionamentos amorosos mais complexos e que é considerado bastante importante por muitos jovens, qual seja, a manutenção da liberdade individual. Liberdade individual entendida como a possibilidade de viver livre de limitações externas, ter opções de escolha e poder fazê-la quando bem quiser. A hipervalorização da liberdade individual faz com que muitos jovens se afastem do namoro ou de qualquer outra prática afetivo-sexual que a cerceie. Nas palavras de um rapaz que procura explicar por que alguns preferem “ficar” cada hora com uma pessoa diferente:

Eu acho que... Eu acho que o namoro tem vários pontos negativos, assim, de você ter que entender a pessoa... São pontos positivos, mas podem ser encarados como negativos. De você ter que ficar com a pessoa, de você ter que ficar entendendo, de você ter que... Sei lá. Consolar assim. E o “ficar” não, “ficar” é só... Vai lá, beija, e acabou. Pode ir: (Fábio, 20 anos)

Então, entender a pessoa, manter-se próximo a ela, consolá-la, enfim (pre)ocupar-se com/do outro pode ser significado como algo negativo, que limita a liberdade do indivíduo de ir e vir como e quando bem quiser, fere aquilo que ele entende como liberdade individual, ou seja, a possibilidade de viver por e somente por si. Como diz o jovem acima, no namoro não é possível usufruir o outro e “ir”, sem se importar com as consequências da sua ação. Isso faz com que muitos jovens, principalmente aqueles que preferem a satisfação sensacional ao aprofundamento amoroso, definam o namoro como uma prisão, sintam-se “presos” quando estão mantendo um vínculo exclusivo e estável.

Ao se referirem à ideia de que no namoro se perde a liberdade, alguns jovens ressaltam como nessa prática é preciso “dar satisfação” ao outro. Nos discursos dos entrevistados, a articulação feita entre “dar satisfação” e namorar é bastante comum, e é vista como uma das razões para não se querer namorar e preferir “ficar” ou ficar “ficando”. Chama a atenção o

fato de utilizarem a expressão “dar satisfação” para se referirem à expectativa comum do namoro de ambos os parceiros darem ao outro “explicação” sobre, por exemplo, aonde, com quem e a que horas vão sair. De acordo com o dicionário da língua portuguesa, a palavra “satisfação” significa tanto “explicação, justificativa, justificação” quanto “contentamento, alegria, deleite” (Ferreira, 1999). Quando os jovens dizem preferir “ficar” ou ficar “ficando”, porque assim não precisam “dar satisfação” ao outro, entendemos que eles estão expressando a vontade de não precisar dizer para o outro o que quer que seja, de poder fazer o que quiser mantendo a liberdade individual. E, também, pensamos que, quando falam sobre não ter de “dar satisfação” ao outro, eles/as manifestam a preocupação com o *próprio* contentamento e deleite, com uma intensidade que é – conforme já assinalada – pontual, efêmera e hedonista. Como diz uma entrevistada, no namoro “é preciso dar satisfação”, “vive-se por você e pelo outro”; no “ficar” não tem obrigação, você não vive por você e pelo outro. *Você vive por você. O outro é uma consequência*” (Eunice, 20 anos).

Considerações finais

A partir do que foi discutido anteriormente, e instigados pelo discurso da jovem supracitada, retomamos a indagação apresentada neste trabalho sobre o modo como o outro é visto e tratado nas diferentes práticas afetivas aqui estudadas. Entendemos que, em uma relação, viver “por você”, pensar e sentir o outro como “uma consequência” significa colocá-lo no lugar de meio, instrumento de acesso à autossatisfação e autorrealização. Nessa prática, o que mais importa é o prazer próprio, tudo aquilo que diz respeito ao próprio indivíduo. O outro só interessa a ele enquanto fonte de deleite, para além disso ele corre o risco de ser visto como um estorvo, alguém que cerceia a liberdade individual, que, com certa facilidade, torna-se descartável e é esquecido. Esse esquecimento se faz mais rápido quando o jovem prioriza a sensação ao sentimento, a superficialidade à profundidade. A vivência amorosa então tida tende a se perder em uma sequência sem fim, na qual as experiências vão sendo sobrepostas umas às outras, e o indivíduo parece permanecer em movimento esperando obter sensações cada vez mais intensas, tal qual o “acumulador e colecionador de sensações” descrito por Bauman (1998).

As diferenças entre as práticas do “ficar”, ficar “ficando” e namorar dizem respeito aos lugares diversos que o outro ocupa na relação, a sua função no relacionamento, às expectativas que o indivíduo

constrói acerca dele, e aos sentimentos que lhe são direcionados. Conforme as narrativas dos jovens entrevistados, as diferenças entre essas práticas se referem também aos prazeres e desprazeres que elas produzem. No “ficar”, na maior parte das vezes, o jovem se sente mais livre para fazer o que bem quiser, e busca prazeres mais imediatos, geralmente atrelados às experiências corporais que lhe propiciam a “satisfação das sensações” (Costa, 1998). Os desprazeres do “ficar” relatados pelos jovens estão vinculados aos sentimentos de sofrimento, tristeza, desrespeito, abandono, desamparo, vazio, tédio, insegurança e indiferença.

Já na prática do namoro, de acordo com os entrevistados, os prazeres e desprazeres são caracterizados prioritariamente por aquilo que circunda o amor. O sentido prazeroso do namoro é dado pela possibilidade de se aprofundar (envolver) amorosamente, de construir uma relação na qual haja compromisso com o outro, cumplicidade, conhecimento, confiança e respeito mútuos. Também são definidos como aspectos positivos do namoro a intimidade sexual, a maior estabilidade da relação – comparativamente às práticas do “ficar” e do ficar “ficando” – e, conseqüentemente, um sentimento maior de segurança. O desprazer do namoro está na sua definição como uma prática afetiva que cerceia a liberdade individual, implica a necessidade de “dar satisfação” para o outro. Também está relacionado ao medo do jovem de se envolver amorosamente com o outro, medo esse decorrente do receio de ser traído, abandonado, desrespeitado e magoado. Esses fatores são explicitados por muitos jovens e apresentados como justificativas para não quererem namorar. A prática do ficar “ficando” é vivenciada por vários entrevistados como uma alternativa – para alguns, boa, para outros, precária – para não se sentirem nem “presos” ao outro em uma relação de namoro, nem tão instáveis e soltos como ocorre no “ficar”.

A partir da pesquisa realizada, e em consonância com os estudos aqui analisados, pode-se afirmar que “ficar”, ficar “ficando” e namorar são relações soltas, desencaixadas, com finalidades em si mesmas, que serão (ou não) encadeadas e hierarquizadas por cada um dos indivíduos, em diferentes momentos da sua vida amorosa. Conforme visto neste trabalho, a desestabilização das práticas amorosas e sexuais teve como um de seus desencadeadores a flexibilização das regras e normas afetivo-sexuais. Uma das repercussões dessas mudanças foi a formação de um campo amoroso plural e dinâmico, no qual as relações tendem a ser mais temporárias, contingentes e instáveis. Como diz um jovem entrevistado ao responder como se sente

vivendo em um ambiente onde os relacionamentos são mais instáveis: “Não sei. Não sei. Eu acho que faz parte. Acho que faz parte. Eu só vivi esse quadro, né? Eu não sei como seria estável. Dentro desse quadro, você pode se comportar como quiser” (Fábio, 20 anos). Nesse quadro amoroso, para muitos jovens o futuro – em curto, médio ou longo prazo – não obrigatoriamente é parâmetro para a ação presente. O que muitos fazem é tentar curtir o “momento”, viver diferentes “fases”, sem que exista necessariamente uma ligação e coerência entre elas. Se isso provoca neles mal estar? Isso é objeto para outro trabalho.

Referências

- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade* (M. Gama & C. M. Gama, Trans.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Chaves, J. C. (2001). “Ficar com” – um novo código entre jovens (3ª ed.). Rio de Janeiro: Revan.
- Chaves, J. C. (2006). Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da belle époque. *Análise Social*, *XLI*, 180, 827-846.
- Chaves, J. C. (2008). “A palestra é sobre o quê?” – falando para/ com jovens sobre relacionamentos amorosos. In L. R. Castro & V. L. Besset (Orgs.), *Pesquisa-intervenção na infância e juventude* (pp. 614-640). Rio de Janeiro: NAU / FAPERJ.
- Chaves, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, *16*(1), 28-46.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dias, A. R. C. & Machado, C. (2011). Amor e violência na intimidade: da essência à construção social. *Psicologia & Sociedade*, *23*(3), 496-505.
- Enriquez, E. (2003). A construção amorosa. *Psicologia em Revista*, *9*(13), 13-25.
- Ferreira, A. B. H. (1999). *Novo aurélio século XXI* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1980). *O mal-estar na civilização* (J. O. A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930)
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas* (M. Lopes, Trad.). São Paulo: UNESP.
- Heilborn, M. L., Aquino, E. M. L., Bozon, M., & Knauth, D. R. (Orgs.). (2006). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz.
- Lejarraaga, A. L. (2002). *Paixão e ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ.
- Lipovetsky, G. (2005). *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos* (A. B. Ara, Trad.). Barueri, SP: Manole. (Original publicado em 1992)
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2012). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (32ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Moraes Alves, A. (2009). Fronteiras da relação: gênero, geração e a construção de relações afetivas e sexuais. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 3, 10-32.
- Neves, A. S. A. (2007). As mulheres e os discursos *genderizados* sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Estudos Feministas*, 15(3), 609-627.
- Ons, S. (2012). *Comunismo sexual*. Buenos Aires: Paidós.
- Pais, J. M. (2012). *Sexualidade e afectos juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Spink, M. J. P. & Spink, P. K. (2008). A Psicologia social na atualidade. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da Psicologia* (2ª ed., pp. 565-585). Rio de Janeiro: NAU.
- Soares, R. (2007). “Fica comigo”: juventude e pedagogias amorosas/sexuais na MTV. *Educação em Revista*, 46, 311-335.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Submissão em: 15/05/2014

Revisão em: 24/11/2014

Aceite em: 05/03/2015

Jacqueline Cavalcanti Chaves é doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC) do Programa de Pós-graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da mesma Universidade. Endereço para correspondência: Rua Pacheco Leão, 174/404, bloco B, Jardim Botânico. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. CEP 22460-030
E-mail: jcchaves2@terra.com.br